

A NATUREZA COMO SALA DE AULA: AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA COMO POSSIBILIDADE DE CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Helano de Jesus Corrêa¹, Renata Moraes Fernandes², Gileno Edu Lameira de Melo³, Rosângela Lima da Silva⁴, Smayk Barbosa Sousa⁵ e José Robertto Zaffalon Júnior⁶

Resumo: A educação física escolar é o componente curricular responsável por proporcionar vivências e conhecimentos da cultura corporal do movimento, e dentre tantos conhecimentos, as práticas corporais de aventura são atividades que nos últimos anos vem se destacando tanto no ambiente escolar como na sociedade em geral. Desse modo, o objetivo principal desta pesquisa de campo foi discutir a possibilidade de utilização das práticas corporais de aventura como conteúdo da educação física escolar em uma escola ribeirinha no município de Gurupá-Pa. Os resultados mostraram que a utilização dos ambientes naturais além de poder proporcionar novas vivências, também pode ser capaz de enaltecer as habilidades e os costumes dos povos ribeirinhos. Entretanto essas atividades necessitam de mais investigações para viabilizar sua prática.

Palavras-chave: Escola. Práticas de Aventura. Comunidade Ribeirinha.

Abstract: School physical education is the curricular component responsible for providing experiences and knowledge of the body culture of movement, and among so much knowledge, adventure body practices are activities that in recent years have been gaining prominence both in the school environment and in society in general. Thus, the main objective of this field research was to discuss the possibility of using adventure body practices as content of school physical education in a riverside school in the municipality of Gurupá-Pa. The results demonstrated that the use of natural environments, in addition to being able to provide new experiences, can also be capable of training the skills and customs of riverside people. However, these common activities require further investigation to make their practice viable.

Keywords: School. Adventure Practices. Riverside Community

1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura são todas as atividades cercadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não necessitando de treinamentos específicos

prévios (Marinho, 2008).

Toda essa sensação de risco torna-se uma excelente oportunidade para os amantes da adrenalina, que precisam estar preparados para enfrentar as adversidades encontradas em suas práticas, recorrendo assim a medidas de

¹ Graduado em educação física pela Universidade do Estado do Pará;

² Graduada em educação física pela Universidade do Estado do Pará;

³ Doutor em Ciências da Reabilitação, docente do curso de graduação em educação física na Universidade do Estado do Pará (UEPA);

⁴ Mestre em Ensino em Saúde na Amazônia, docente do curso de graduação em educação física na Universidade do Estado do Pará (UEPA)

⁵ Doutor em Doenças Tropicais, docente do curso de graduação em educação física na Universidade do Estado do Pará (UEPA)

⁶ Doutor em Ciências da Reabilitação, docente do curso de graduação em educação física na Universidade do Estado do Pará (UEPA) e coordenador do Laboratório de Exercício Físico e Estilo de Vida (LEFEV), jzaffalon@uepa.br

prevenções e equipamentos/acessórios que possibilitem uma prática segura.

Os esportes de aventura na natureza, como o próprio nome sugere, são executados geralmente em ambientes onde há forte influência dos elementos naturais, rios, montanhas, árvores e sob as intempéries como chuva, vento, correnteza, ondas, entre outros fatores (Paixão, 2017).

Nos últimos anos com o aumento das áreas urbanas, a necessidade de atividades físicas, e do contato com a natureza, passou a ser tema de questionamentos sobre as possibilidades de maiores incentivos as práticas de atividades físicas realizadas nesses ambientes naturais.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), passaram a serem obrigatórias nas escolas, atividades que incentivem a interação com os ambientes naturais, que estimulem os temas transversais, como a preservação e o cuidado com o meio ambiente, e que dê ênfase nas atividades físicas para melhora ou manutenção da saúde.

Para Inácio *et al.* (2016), as Práticas Corporais de Aventuras (PCA's) nos últimos anos vem crescendo consideravelmente, tanto no âmbito escolar nas práticas do lazer, quanto na parte esportiva, ganhando adeptos e praticantes.

Outro meio que demonstra grande interesse sobre este tema são os trabalhos acadêmicos, pesquisas feitas para entender como funcionam as práticas e as percepções das pessoas que estão envolvidas direta e

indiretamente nesse componente curricular.

Na região amazônica, região de ilhas, rios, igarapés e várzeas, as populações miscigenadas de extrativistas, coletores, pescadores, povoam as regiões ribeirinhas, onde os meios exclusivos de locomoção são os barcos e canoas.

Essa população ribeirinha atende a essa denominação ao ser levado em consideração os aspectos geográficos em que vivem, nas margens dos rios (Instituto Eco Brasil, s/d).

População com uma vasta cultura que repassa através das gerações conhecimentos advindos das vivências no trabalho diário, nas pescarias e nas escaladas em árvores, práticas comuns para os povos desta região.

Nessa realidade em que vivem, as metodologias de ensino, e as práticas nas aulas de Educação Física se adequam com o nível dos rios, períodos chuvosos, e demanda um olhar atento para as pedagogias do ensino.

Mas, por outro lado apresenta uma infinidade de novas oportunidades, e necessidade de adequação (Brigida; Ramos, 2020). Localizadas nas margens dos rios, as escolas ribeirinhas possuem peculiaridades que oferecem uma infinidade de possibilidades na hora de aplicar as aulas.

Os alunos se utilizam de algumas práticas de aventura na natureza no seu cotidiano, porém, as atividades de aventura no contexto escolar ainda estão longe da realidade dos escolares.

Os banhos de rio, trilhas nas matas, passeios de canoas, atividades comuns para os

povos naturais dessa região se assemelham as práticas corporais de aventura difundida pelas escolas dos centros urbanos.

Observou-se em uma escola ribeirinha do município de Gurupá-Pa a pouca diversificação nos conteúdos aplicados no componente curricular de Educação Física, limitando os escolares à poucas atividades práticas, em que as aulas ministradas se resumem principalmente em alguns esportes coletivos como o futebol e o voleibol.

Surgiu então a necessidade de estudar as possibilidades de aplicação de diferentes modalidades, e atividades de aventuras, já que as localidades dispõem de áreas propícias para práticas de aventuras na natureza, que não são aproveitadas.

De acordo com Brigida e Ramos (2020), é necessário que se crie um currículo ribeirinho, respeitando as especificidades da região, costumes e práticas socioculturais, buscando atender de forma, específica a população daquele lugar, já que as práticas urbanas não se aplicam as comunidades ribeirinhas.

Nesta perspectiva, essa pesquisa tem como principal objetivo analisar a possibilidade de utilização das Práticas Corporais de Aventura de Meio Ambiente na Educação Física Escolar em uma escola ribeirinha no Município de Gurupá-Pa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Desde a implementação da BNCC as Práticas Corporais de Aventura nas escolas passaram a ser obrigatórias nas redes públicas e privadas de ensino. E com o passar do tempo, mesmo a passos lentos vem ganhando reconhecimento (Inácio; Souza; Machado, 2020).

Inácio (2021) ressalta que os esportes nas escolas estão estereotipados porque visam atender somente às modalidades tradicionais, deixando de possibilitar a vivência de esportes contemporâneos como diz na BNCC. Na Educação Física, destacam-se as Práticas Corporais de Aventura, que vem ganhando espaços nas escolas. Além de trabalhar a individualidade, coordenação motora, habilidade, entre outras capacidades físicas permite que essas vivências proporcionem aos alunos oportunidade de efetivar o aprendizado por meio de atividades prazerosas e que permite o contato com a natureza.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018) as práticas corporais devem ser abordadas de maneira dinâmica, respeitando as especificidades das faixas etárias, com conteúdo que ofereça possibilidades de enriquecimento do conhecimento, dando ênfase nos aspectos culturais e sociais dos escolares.

Pereira e Armbrust (2023) enfatizam que essa reformulação da BNCC foi de suma importância para a Educação Física na Escola, porém foi um tema que não agradou os professores de forma unânime por essa prática ser de risco e pouco conhecida no meio escolar. Outro motivo é a resistência de professores na utilização de metodologias ativas de aprendizagem, restringindo-se apenas aos métodos tradicionais. Porém, essa reestruturação veio para acrescentar na escola e fora dela, tendo em vista que modalidades como o Skate, por exemplo, que é uma prática corporal de aventura, está incluído na lista de esportes olímpicos, e por estar em evidência influencia diretamente os alunos a praticarem.

As práticas corporais de aventura possuem uma dualidade quanto à possibilidade de aplicação, existem modalidades que são difíceis de serem desenvolvidas na escola no seu formato original, como é o caso do *base jumping*, e do *mountain bike* por necessitar de equipamentos de altos valores, em geral as escolas não disponibilizam esses materiais, e o professor necessita ter esse conhecimento de imediato para desenvolver métodos de adaptação e proporcionar o contato com modalidades mais fáceis e que não deixam de ser interessantes como é o caso do *trekking*, caminhada realizada em trilhas naturais com objetivo principal de contemplar a natureza (Tahara; Darido, 2016).

Franco, Tahara e Darido (2018), denominam as Práticas Corporais de Aventura na Natureza como importante aliadas na conscientização do cuidado com o meio ambiente, e a prática de atividades físicas, pois possibilita por meio de atividades de aventura a interação com espaços naturais, ampliando as vivências e consequentemente oportunizando mais conhecimento aos alunos.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A DINÂMICA DO CONTEXTO ESCOLAR RIBEIRINHO

A inclusão da Educação Física na escola ocorreu no Brasil ainda no século XIX, com a reforma Couto Ferraz em 1851 (Darido, 2003).

A introdução da Educação Física nas escolas ocorreu com base em dois princípios, o princípio militar, e o princípio médico. O primeiro buscando através das ginásticas (termo usado na época para denominar a Educação Física), fortalecimento dos corpos para a defesa das nações que na época lutavam por territórios.

Já o princípio médico trabalhava a ideia de que as atividades físicas eram fundamentais para a prevenção de doenças através da profilaxia (recursos para prevenir doenças) e higiene, medidas que para eles seriam fundamentais na construção de uma sociedade saudável (Darido, 2003).

A princípio, a Educação Física no Brasil era exclusividade das classes de elite, e seguia os princípios relacionados a perfeição da beleza

grega, força e superioridade dos homens que dessa forma poderiam contribuir para o desenvolvimento da nação (Pereira, 2017).

É importante ressaltar que as atividades físicas vinculadas aos conteúdos do componente curricular de Educação Física sofreram mudanças ao longo do tempo, implicações e adaptações foram feitas, e ainda sofrem influência das primeiras que foram implantadas (Darido, 2003).

Conforme Taffarel (2012), a Educação Física pode ser caracterizada principalmente pela ação pedagógica do professor nas aprendizagens relacionadas à cultura corporal de movimento.

Outra característica evidente é o modo como se estrutura o campo de conhecimento da Educação Física, baseando-se nas práticas históricas, nas questões culturais dos conhecimentos populares produzidos socialmente, que são investigadas cientificamente, para posteriormente serem repassadas por meio dos métodos criativos da docência.

Analisando a educação física por meio de uma perspectiva regional, das vivências no contexto escolar, nas localidades mais distantes dos grandes centros urbanos, é possível observar um fator que interfere diretamente no processo ensino aprendizagem, que é a falsa regionalização do ensino, e a idealização de um modelo de escola, aluno e professor, que não condiz com a realidade complexa do contexto

social em que a maioria das escolas está inserida, obrigando o docente a adaptar suas aulas com turmas multisseriadas, indo de encontro com a formação que lhe foi repassada (Rios, 2020).

A comunidade escolar das escolas ribeirinhas, por exemplo, enfrenta uma realidade pouco discutida pelo meio acadêmico, e necessitam de um olhar atento quanto aos planejamentos e as estratégias de ensino pela gestão escolar e pelos órgãos que regem a educação nas diferentes esferas da organização educacional. Esse tipo de região possui uma distribuição geográfica peculiar, que sofre influência direta dos períodos das cheias dos rios e da época da seca, que determinam todo o modo de vida dos ribeirinhos, modificando sua logística, atividades de subsistência, e na organização social em geral (Alencar; Costa, 2021).

2.3 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO CONTEXTO ESCOLAR RIBEIRINHO

As práticas corporais de aventura são conforme Pereira (2017), atividades com baixos níveis de acessibilidade, pela necessidade de utilização de equipamentos, tanto de instrumentos para a execução das práticas, quanto aos aparatos de segurança que são necessários para realizar tais atividades, tornando essas atividades pouco utilizadas pelas pessoas das classes sociais de menor poder

aquisitivo. Outro fator excludente é a ausência de políticas públicas que facilitem o acesso a atividades dessa natureza. Inácio, Souza e Machado (2020) corroboram que um dos desafios mais aparentes para a não aplicação das práticas corporais de aventura, é a falta de formação inicial do professor, pois a formação no meio acadêmico é o principal suporte do docente na mediação do conhecimento.

É importante ressaltar que as escolas ribeirinhas não dispõem de um currículo específico nessas localidades, esse problema é explicitado por Brito (2015), que enfatiza a limitação das possibilidades de aprendizagem dos alunos, tendo em vista que a Educação exclusivista que visa apenas a preparação para o mercado de trabalho implementada nos centros urbanos, permeia a educação nas escolas do campo.

A formação de professores para atuarem na educação da zona rural por muito tempo tem sido alvo de negligência, pessoas com formação mínima foram direcionados para trabalhar nessa região, para atender principalmente a educação infantil, como se esse ciclo educacional fosse menos importante, em geral os professores que são deslocados para essas localidades tem formação apenas nível médio, e legalmente não estariam aptos a estarem atuando, com isso, os professores não conseguem cumprir a profissão com êxito, gerando insatisfação por parte da comunidade escolar (Brito, 2015).

Em estudo realizado por Pereira e Armbrust (2021), a forma mais utilizada para aplicação das aulas de práticas corporais de aventura pelos professores que ministram essa temática foi por meio da dimensão conceitual, na qual são realizadas apenas aulas teóricas, conversas, seminários e debates, essa maneira é efetivada com a utilização do lúdico, pois se sabe que a aventura é permeada pela imaginação dos praticantes e necessita dessa perspectiva para que sejam disseminadas suas modalidades.

Reforça ainda, que as dimensões procedimentais e atitudinais, ou seja, a parte prática da atividade, na qual acontece a aplicação da aula com atividades que envolvem as aptidões físicas, são ignoradas, evidenciando o receio dos professores em assumir riscos que atividades de aventura podem desencadear.

Para Tahara e Darido (2016) utilizar os ambientes naturais para aplicação de conteúdos de práticas corporais, evidencia uma importante oportunidade de contextualizar outros temas, como meio ambiente e biologia, e abrir espaço para discussões pertinentes à época em que o mundo passa por diversas transformações tecnológicas de evolução e conseqüentemente exigem um olhar mais atento quanto à sustentabilidade, cuidado com o meio ambiente para evitar maiores impactos. Essa reflexão dentro do ambiente escolar se faz necessário para enriquecimento dos conhecimentos não só dos estudantes, mas de toda a comunidade.

Quando se analisa as práticas corporais de aventura como conteúdo da educação física, é possível propiciar aos alunos das diferentes etapas do ensino, atividades apropriadas para cada fase, desde a educação infantil até o ensino médio.

Os aprendizados alcançados nos anos que o aluno percorre em toda a educação básica são determinados pelo repertório de conhecimentos que os professores disponibilizam por meio de propostas que devem ser adequados com a faixa etária, nível de desenvolvimento dos alunos e dificuldade de aprendizagens, com o objetivo de ampliar as capacidades física, cognitiva e emocional (Tahara; Darido, 2016).

As atividades escolares sobre práticas corporais de aventura nas escolas ribeirinhas são possíveis e tendem a ser de fácil aceitação por parte dos estudantes, pois as vivências cotidianas dos alunos ribeirinhos que se assemelham e até se sobrepõe a algumas práticas corporais de aventura difundidas nas escolas urbanas. As atividades no mato, escaladas, contato com rios demonstram o diferencial das experiências desses estudantes (Alencar; Costa, 2021).

As aplicações das práticas corporais de aventura no âmbito escolar são possíveis nas aulas da educação física, como afirmam Pereira e Armbrust (2017), quando idealizada de forma apropriada com uma metodologia eficiente, cabendo ao docente o entendimento sobre as técnicas e os procedimentos de segurança de

cada situação ou prática específica, proporcionando a participação de todos os alunos nas vivências.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O Presente trabalho foi realizado por meio de natureza aplicada, conforme Gil (1999), na qual as intervenções são feitas com interesse principal na aplicação de conhecimentos específicos, e nos seus resultados, objetivando melhores interpretações do público alvo no que diz respeito ao conteúdo da pesquisa.

Quanto ao objetivo trata-se de um estudo exploratório e descritivo que de acordo com Prodanov e Freitas (2013), tem em suas exigências a necessidade de aprofundamento dos enfoques relacionados ao tema, buscando descobrir peculiaridades ainda não exploradas, flexibilidade de planejamento o que permite estudar o tema a partir de diversas óticas. Possui abordagem qualitativa, na qual conforme Prodanov e Freitas (2013) há a necessidade de o pesquisador manter contato com o objeto de estudo em sua natureza, o que requer maior trabalho de campo. A análise de dados é descritiva, e tem como prioridade retratar o maior número possível de elementos que fazem parte da realidade do objeto em análise.

Possui interface com a pesquisa de campo que conforme Gonçalves (2001) tem como característica o contato direto do pesquisador com o ambiente a ser pesquisado sem que o

mesmo possa causar interferência no local da pesquisa. A pesquisa de campo é aquela que vai diretamente ao encontro de determinado grupo social que deve ser investigado, e demanda do pesquisador um contato mais próximo, para melhor entendimento do contexto em que se está inserido.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de ensino no município de Gurupá-Pa, localizada às margens do rio Mojú, afluente do Rio Amazonas na zona rural do município, devido ser uma escola ribeirinha.

Participaram do estudo 34 alunos, com faixa etária de 10 a 17 anos, matriculados nas turmas do 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental, de ambos os sexos e que tivessem condições para participar do estudo.

Os dados foram coletados por meio de um questionário adaptado de Oliveira (2020) composto por 10 questões (Apêndice A). Gil (1999) conceitua o questionário, como uma técnica de investigação que é apresentada por escrito aos participantes, e tem como objetivo conhecer opiniões, sentimentos, expectativas e interesses dos participantes referentes ao tema abordado.

As respostas foram avaliadas por meio do método de análise de conteúdo de Bardin (1977), o qual define as etapas para análise de conteúdo, sendo elas: organização da análise, codificação, categorização, e interpretação dos resultados.

O presente trabalho seguiu todas as normas da resolução 466/2012 que fala sobre os

princípios éticos em pesquisas com seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado do Pará, Campus XII – Tapajós, sob o parecer nº 6.494.549.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os alunos foram questionados sobre se gostavam ou não das aulas de educação física e qual a justificativa. Os 34 alunos que participaram da pesquisa foram unânimes, e todos afirmaram gostar das aulas o que se pode notar por meio de suas respostas, aluno 3 respondeu: “Sim. Porque é muito legal e eu me divirto muito”. O aluno 6 respondeu ainda: “Eu gosto da aula de educação física, porque a gente brinca, se diverte, da risada e muito mais”, 16 dos alunos afirmaram gostar das aulas de educação física pela “diversão”. Os resultados mostraram que o interesse dos alunos nas aulas de educação física está intimamente ligado com as questões relacionadas as brincadeiras, e a diversão, como explicita Conceição e Souza (2015), quando preconiza que a educação física é um lazer para os jovens, porque repassa conhecimentos por meio de atividades lúdicas e prazerosas. Outro fator importante nesse processo é a diversificação de ambiente e materiais utilizados, o que transmite aos estudantes uma sensação de liberdade, uma vez que a sala de aula, e os materiais didáticos convencionais são substituídos por outro ambiente.

Quando perguntados acerca da motivação para participar das aulas de educação física, 31 alunos disseram que sim, 3 alunos disseram que não, e essa motivação foi relatada da seguinte forma pelo aluno 3: “Sim. Eu vou porque eu gosto de jogar bola e conversar com as meninas e ficar andando por aí”. A motivação mais frequente foi o futebol que apareceu 10 vezes nas respostas dos alunos, esse cenário é facilmente percebido nas escolas brasileiras, quando se observa as atividades propostas pelos professores e desenvolvidas pelos alunos e que são basicamente resumidas em atividades esportivas, tendo o futebol como o esporte mais desejado pelos alunos e mais praticado nos ambientes escolares. Para Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012), as práticas da cultura esportiva foram se escolarizando ao longo do século passado, e ainda permanecem como uma das manifestações mais presentes nas aulas da educação física escolar, se enraizou no imaginário social que a educação física funciona basicamente como um espaço e período de tempo determinado para a execução de atividades esportivas, onde o esporte é o principal conteúdo abordado pelos professores e a prática mais valorizada pelos alunos. Interação com os amigos apareceu 7 vezes como motivação, novos aprendizados 6.

O futebol aparece como motivação importante na participação dos alunos nas aulas de educação física, e nas respostas dos alunos ficou ainda mais clara a influência que o mesmo

exerce. Freire (2021) sugere que embora o futebol não tenha sido criado por um brasileiro, a ligação que o país têm com o esporte vai além da compreensão, e essa intimidade que se estabeleceu há muito tempo, fez com que o esporte aparecesse até mesmo na escola como o mais praticado, esse status se deve ao fato do futebol ser praticado de forma adaptada, em forma de jogo, ignorando as regras e as medidas oficiais do campo, o que permite ser praticado em diversos lugares, como em chão de terra batida, ou até mesmo na rua.

Quando questionados se já ouviram falar sobre as práticas corporais de aventura, 20 alunos disseram nunca ter ouvido falar do assunto, e 14 alunos disseram ter ouvido falar pelo menos uma vez sobre atividade dessa natureza. Esse resultado evidencia a pouca diversificação de atividades que são propostas aos alunos, sendo que práticas corporais de aventura aparecem na BNCC como unidade temática obrigatória para ser ministrada na educação básica. Inácio, Souza e Machado (2020) destacam que os principais fatores que limitam a aplicação das práticas corporais de aventura nas escolas é a falta de estrutura e equipamentos, proibições impostas pela administração das escolas, outro empecilho é a falta do conteúdo na formação inicial e continuada do professor.

Foram perguntados se seria interessante ter aulas sobre práticas corporais de aventura na escola, nas aulas de educação física, todos os

alunos da pesquisa disseram que sim, e a justificativa mais apresentada foi a possibilidade de adquirir novos aprendizados, esse resultado apareceu 14 vezes nas respostas dos alunos, como é possível observar na fala do aluno 13: “Porque nós queremos fazer algo diferente”. Diante disso é visível notar que na visão dos alunos, as escolas devem oferecer um leque abrangente de alternativas para atendê-los, para que as aulas se tornem participativas e não repetitivas. Betti e Zuliani (2002) corroboram que a educação física tem como tarefa preparar o aluno para ser um praticante ativo, que consiga extrair por meio das atividades dos componentes da cultura corporal o melhor proveito possível. Essa ação está associada diretamente com a compreensão do aluno sobre a organização institucional da cultura corporal de movimento atuante na sociedade, mas para isso o professor de educação física tem o importante papel de auxiliar o aluno a compreender o seu sentir e o seu relacionar-se no universo da cultura do movimento.

Quando interrogados sobre quais modalidades já praticaram, a modalidade canoagem foi a mais citada, com 27 menções. Conforme Brigida e Ramos (2020), essas atividades para os alunos de regiões ribeirinhas são de fato práticas do cotidiano, os meios de locomoção que são usados para os trabalhos do dia a dia, as atividades de subsistência, viagens de canoa, extração de frutos em árvores que necessitam de escalada, os acampamentos para a

caçada, se fazem presente nas vivências desses povos tradicionais, mas, se tratando de práticas de atividades na natureza para fins educacionais ainda há muito caminho para ser trilhado, as unidades temáticas que são ministradas, em geral são propostas de esportes adaptados tendo como principal impasse a falta de estrutura para realização dos mesmos.

Foi indagado quais as atividades de aventura seriam interessantes na escola, a mais citada foi a natação, dos 34 participantes, 9 alunos disseram que a natação é uma boa atividade para ser desenvolvida levando em consideração que a escola fica na margem do rio. Para Fernandes e Costa (2006), a natação é uma atividade que reúne um conjunto de habilidades motoras que possibilitam ao praticante um deslocamento independente, autônomo e prazeroso, e excelente oportunidade de experimentar vivências de práticas corporais no ambiente aquático, e de descobrir que a água não é apenas matéria ou superfície de apoio, mas um ambiente para despertar emoções, adquirir aprendizados, e relacionar-se consigo, com os outros praticantes e com a natureza.

Na questão que perguntava aos alunos se é possível desenvolver atividades de práticas corporais de aventura na natureza nas escolas ribeirinhas, 32 alunos disseram que sim, 2 alunos disseram que não. Essa afirmativa é justificada por eles ao esclarecerem que as atividades cotidianas dos ribeirinhos se assemelham com as propostas da unidade

temática da educação física escolar, e que não seria uma tarefa difícil a ser desenvolvida. Para Inácio *et al* (2016), é indiscutível a superioridade das vivências provenientes das experiências com as práticas corporais de aventura, por outro lado é preciso que haja essa aproximação do aluno com essas atividades para que seja garantido possibilidades de experimentação e apreciação.

Para saber das vivências dos alunos em relação a atividades ligadas as práticas corporais de aventura, foi perguntado quais práticas de aventura eles utilizam no dia a dia, fora do ambiente e das tarefas escolares. Pular na água (nadar no rio) apareceu 20 vezes nas respostas dos alunos, seguido por escalada que apareceu 12 vezes nas respostas dos alunos. O aluno 14 respondeu: “Tirar açaí e pular na água”. Essas atividades nas áreas de várzea e comunidades ribeirinhas são praticadas como muita frequência, e as crianças aprendem desde muito cedo, tendo em vista que estamos falando de uma população que sobrevive principalmente da pesca e do extrativismo vegetal. Silva (2010) preconiza, que a atividade predominante que gera renda para a subsistência das populações do campo na região ribeirinha amazônica são as atividades de extração sendo elas terrestres ou aquáticas, como exemplo a extração de frutas, sementes, e a pesca. Simão (2012) corrobora, que a população ribeirinha vivencia um cotidiano no trabalho que deve ser olhado de forma mais atenta pela escola, as viagens a remo, natação, carregar cargas elevadas, subir em

árvores para colher frutos, todas essas atividades tornaram o ser ribeirinho adaptado a sobreviver na região, e com grande potencial para desenvolver diversas atividades.

Os alunos foram questionados sobre quais os pontos eles consideram positivos e quais os pontos consideram negativos nas aulas de práticas corporais de aventura, 18 alunos disseram não saber responder, pois não tem aula dessa unidade temática na escola. O aluno 2 respondeu: “Eu não sei porque não tem na minha escola”. A ausência dessa unidade temática na educação física de muitas escolas ainda é muito evidente, os professores se utilizam de recursos que lhe é mais cômodo, de fácil aplicação, e nas escolas que são mais distantes dos grandes centros urbanos a situação se agrava ainda mais, em algumas situações o professor não tem formação na área, e em outras, a escola não oferece suporte ao professor, deixando de lado esse importante conteúdo. Inácio, Souza e Machado (2020) atribuem a isso, a supervalorização dos esportes tradicionais e de fácil execução e acesso, e a recusa do professor em assumir riscos que são presentes nessas práticas como se também não houvesse riscos nos esportes tradicionais que são mais praticados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo observou-se que as práticas corporais de aventura, como

conteúdo da educação física escolar, é um tema de grande relevância e de muita aceitação por parte dos alunos de região ribeirinha, que demonstraram interesse em praticar as diferentes modalidades que essa unidade temática dispõe.

Ficou evidenciado que as atividades que são propostas não agradam todos os alunos, fazendo que esse momento que seria de inclusão e participação de todos, se torne uma aula exclusivista.

Quanto à possibilidade de aplicar as práticas corporais de aventura em escolas ribeirinhas como conteúdo da educação física escolar, os alunos em sua maioria se mostraram favoráveis, e demonstraram interesse em conhecer e contribuir com a utilização dessas modalidades na escola.

Assim, por intermédio dos conhecimentos locais de convívio com a natureza, haja vista que muitos hábitos dessa população se assemelham com as características dos esportes de aventura que estão gradativamente se popularizando.

Constatou-se também que a limitação de conteúdo proposto pelos professores não é apenas um problema estrutural/material da escola, mas sim reflexo do pouco investimento que é destinado para a educação física principalmente na formação inicial de professores.

Tal problemática acarreta em ocupações de cargos indevidos, profissionais atuando em áreas que não são da sua formação, para suprir a necessidade da escola.

A investigação contida neste estudo contribuiu para evidenciar e discutir a possibilidade de utilização das práticas corporais de aventura, por meio de questionário que foi disponibilizado aos alunos.

É provável que um maior aprofundamento proporcionasse uma perspectiva mais abrangente e responderia de maneira mais detalhada os problemas apontados no texto. Por fim esperamos que este trabalho contribua para conduzir outros pesquisadores a se aprofundarem nessa temática e que mais trabalhos sobre essas atividades sejam realizados.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Danielle Golvim da Silva; COSTA, Francimara Souza da. Resiliência pedagógica: escolas ribeirinhas frente às variações de seca e cheia do rio Amazonas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 2021, p. 1-20, 16 ago. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógica. **Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Bauru-Sp, v. 1, n. 1, p. 73-81, set. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRIGIDA, Alexander Luiz Braga Santa; RAMOS, Evandro de Moraes. Banheiros do rio Negro e a escola ribeirinha: as aulas de educação física no contexto da hinterlândia amazônica. **Revista Teias**, [S.L.], v. 21, n. 61, p.

201-217, 10 maio 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro.

BRITO, Daniel Bezerra de. Histórias de Vida e Saberes Docentes das Educadoras da Zona Urbana e Rural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 923-945, set. 2015.

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 18, n. 4, p. 55-75, 03 set. 2012. Semanal.

CONCEIÇÃO, Vagner Miranda da; SOUZA, Luciana Karine de. Lazer, Educação Física escolar e adolescência. **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 193-220, 18 jun. 2015. Semanal.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2003.

ECOBRAZIL, Instituto. **Comunidades Tradicionais**: ribeirinhos. Ribeirinhos. 20--. Disponível em: http://www.ecobrasil.eco.br/site_content/30-categoria-conceitos/1195-comunidades-tradicionais-ribeirinhos. Acesso em: 10 jul. 2022.

FERNANDES, Josiane Regina Pejon; COSTA, Paula Hentschel Lobo da. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatros estilos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 5-14, 1 mar. 2006.

FRANCO, Laercio Claro Pereira; TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: relações com a base nacional comum curricular. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 1, p. 66-76, 25 abr. 2018.

FRANCO, Laercio Claro Pereira. **Atividades Físicas de Aventura na Escola**: uma proposta pedagógica nas tres dimensões do conteúdo. 2008. 134 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Ciências da Motricidade, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Editora Alínea, 2001.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; CAUPER, Dayse Alisson Camara; SILVA, Luzia Antônia de Paula; MORAIS, Gleison Gomes de. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da base nacional comum curricular. **Motrivivência**, [S.L.], v. 28, n. 48, p. 168, 21 set. 2016.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUSA, Caroline Castro; MACHADO, Lídia Ferreira. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório. **Motrivivência**, [S. l.], v. 32, n. 63, p. 1-16, 2020.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 43, n. 21, p. 1-8, 20 mar. 2021.

MARINHO, Alcyane. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 02, n. 14, p. 181-206, ago. 2008.

OLIVEIRA, Marcos Rocha de. **PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA**: rapel e orientação como possibilidades de aprendizagem na escola. 2020. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação

Física, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2020

PAIXÃO, Jairo Antônio da. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, [S.L.], v. 29, n. 50, p. 170, 26 abr. 2017.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. A aventura na perspectiva de professores de Educação Física escolar. **Revista Educação Pública**, v. 21, n° 23, 22 de junho de 2021.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **O PENSAMENTO COMPLEXO DE EDGAR MORIN: subsídios teóricos para superação da fragmentada formação do professor de educação física.** 2017. 152 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da Aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola.** 3. ed. Varzea Paulista: Fontoura Editora, 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTIFICO: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RIOS, Elisângela Corrêa. **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS RIBEIRINHAS NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE.** 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

SILVA, Oderlene Bráulio da. **As representações sociais de trabalho e educação em comunidades ribeirinhas.** 2010. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

SIMÃO, Berenice Perpetua. **OS ASPECTOS DA CULTURA CORPORAL ABORDADOS PELO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REGIÃO RIBEIRINHA DE PORTO VELHO.** 2012. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade de Brasília, Porto Velho, 2012.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 113, 2 ago. 2016.

TAFFAREL, Celi Zulke. Formação de professores de educação física: diretrizes para a formação unificada. **Kinesis**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2012.